

Índice

I. A JUVENTUDE ENQUANTO CONSTRUÇÃO SOCIAL	2
Juventude.....	2
Construto ou construção social	3
Da unidade à diversidade.....	4
II. REDES GRUPAIS E IDENTIDADES JUVENIS	6
À procura de uma identidade	7
III. ANÁLISE DA FUNÇÃO DOS GRUPOS DE JOVENS: PAPÉIS E ESTATUTOS	8
O conceito de grupo.....	8
Sistema de estatutos (<i>status</i>) e papéis	10
Conformismo e obediência.....	11
A aparência física	14
IV. PROBLEMÁTICAS DA JUVENTUDE.....	15
Comportamentos delinquentes.....	16
Tipos de delinquência	17
Expressões da delinquência juvenil	19
Bibliografia	

I. A JUVENTUDE ENQUANTO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Juventude

Foi Erickson que institucionalizou a adolescência. Apresentou-a a partir do conceito de moratória e a caracterizou como uma fase especial no processo de desenvolvimento, na qual a confusão de papéis, as dificuldades para estabelecer uma identidade própria a marcavam como “...um modo de vida entre a infância e a vida adulta” (1976, p.128).

Knobel (1989, p.29) introduziu a noção de “síndrome normal da adolescência”, caracterizada por uma sintomatologia que inclui:

- a) Procura de si mesmo e da identidade;
- b) Tendência grupal;
- c) Necessidade de intelectualizar e fantasiar;
- d) Crises religiosas que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até ao misticismo mais fervoroso;
- e) Deslocalização temporal, em que o pensamento adquire as características de pensamento primário;
- f) Evolução sexual manifesta, desde o autoerotismo até à sexualidade genital adulta;
- g) Atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade;
- h) Contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta, dominada pela ação, que constitui a forma de expressão conceitual mais típica deste período da vida;
- i) Uma separação progressiva dos pais;
- j) Constantes flutuações de humor e do estado de ânimo.

A juventude é, por outras palavras, a transição entre a criança e o adulto e que, geralmente, *caminha* a par da adolescência. Trata-se de uma fase de alterações físicas e mentais, que não só acontece no próprio adolescente, mas também relativamente ao seu entorno, isto é, ao nível social.



Convém destacar que a adolescência não é o mesmo que puberdade, que começa numa determinada idade devido às mudanças hormonais. A duração da adolescência varia consoante a

pessoa. Também existem diferenças na idade em que cada cultura considera que um indivíduo já é adulto.

Entre as principais alterações pelas quais o jovem passa, destacam-se o desenvolvimento do pensamento abstrato e formal, o estabelecimento da identidade sexual e a solidificação de amizades com a provável experimentação em grupo de bebidas alcoólicas, tabaco e, inclusive, drogas.

De acordo com a Psicologia, os jovens adolescentes lutam pela identificação do *eu* e pela estruturação da sua existência baseada nessa identidade. Trata-se de um processo de autoafirmação, que costuma aparecer rodeado de conflitos e resistências, nos quais o sujeito procura conquistar a independência, autonomia e liberdade.

Construto ou construção social

Um construto social ou construção social é qualquer entidade institucionalizada ou artefacto num sistema social criado ou construído por participantes numa cultura ou sociedade particular, e que existe porque as pessoas concordam em agir como se ela existisse de facto ou em seguir determinadas normas. Um exemplo de construto social é o *status social*.

3

Perspetiva da construção social da juventude

- i) A juventude é produto da interação entre as condições sociais e as imagens culturais que cada sociedade elabora, em cada momento histórico, sobre esse grupo social;
- ii) A juventude não é algo *natural*, estático, não é algo dado mas que permanentemente está a ser construído e reconstruído historicamente.
- iii) Cada sociedade define a juventude a partir dos seus próprios parâmetros culturais, sociais, políticos e económicos.
- iv) Não há uma definição única do que é juventude e, portanto, as perspetivas tradicionais e os discursos institucionais sobre a juventude podem ser transformados podem ser desconstruídos e reconstruídos.
- v) Tais identidades são produto de uma tensão permanente entre as representações dominantes sobre o que *deve ser* a juventude, produzidas de fora da perspetiva jovem e aquelas elaboradas pelos próprios jovens. São modificáveis, transitórias e construídas dentro de redes de relações de poder.

Em que medida a juventude pode ser encarada como um fenómeno social?

Dentro de uma perspetiva que compreende a juventude como um fenómeno social é preciso encontrar uma definição que permita avançar no processo de análise da identidade da juventude. A definição que servirá de base para a presente análise é a que considera a juventude um “grupo etário composto pelos jovens, isto é, indivíduos inseridos no processo de ressocialização” (Viana, 2004).

Desta forma, a ressocialização é o que caracteriza a juventude. A ressocialização ou “socialização secundária” é um momento na vida dos indivíduos da sociedade moderna na qual eles são preparados para realizarem uma integração completa na sociedade, tanto na esfera do trabalho como na esfera das responsabilidades sociais.

Da unidade à diversidade

A juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável e, como refere Bourdieu, o facto de se falar dos jovens como uma *unidade social*, um grupo dotado de “interesses comuns” e de se referirem



esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação. Na verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil *unitária*. No entanto, a questão central que se coloca à Sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também, e principalmente, as diferenças sociais que entre eles existem. Por outras palavras, e como há duas décadas atrás, Sedas Nunes o reconhecia, “não se vê como possam englobar-se numa mesma geração – e, por conseguinte, num mesmo grupo – indivíduos que, apesar de coetâneos e portadores do sentimento comum de se encontrarem em presença de outras gerações na sociedade, se identificam a si mesmos como pertencendo, por exemplo, a classes sociais, grupos ideológicos ou grupos profissionais diferentes”.

Quando falamos de jovens das classes médias ou de jovens operários, de jovens rurais ou urbanos, de jovens estudantes ou trabalhadores, solteiros ou casados, estamos a falar de *juventudes* em sentido completamente diferente do da juventude enquanto uma das *fases* da vida.

Na verdade, a juventude aparece *socialmente* dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspetivas e aspirações. Dar importância a este pressuposto metodológico parece tanto mais conveniente quanto é certo que, como se tem vindo a insistir, a noção de juventude é uma das que mais se têm prestado a generalizações arbitrárias.

Ao tomarem-se as trajetórias dos jovens, os seus percursos de transição, somos necessariamente levados a considerar a juventude na sua *diversidade*. Com efeito, quando a juventude é considerada na sua diversidade, as vertentes de acesso à vida adulta mostram-se bastante flutuantes, flexíveis e elas próprias diversificadas.

A juventude pode ser tomada tanto como uma *unidade* (quando referida a uma fase da vida), como ser tomada no sentido de conjunto social obviamente diversificado. No primeiro caso, estamos na presença de um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, principalmente definida em termos etários; no segundo caso, a juventude é tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes. Quase poderíamos dizer, por outras palavras, que a juventude ora se nos apresenta como um conjunto aparentemente homogéneo, ora se nos apresenta como um conjunto heterogéneo: homogéneo, se comparamos a geração dos jovens com outras gerações; heterogéneo logo que a geração dos jovens é examinada como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros.

Sendo assim, como falar da juventude como um fenómeno sociologicamente homogéneo? O interessante será justamente dar conta das possíveis diferentes descontinuidades e ruturas que marcam a transição dos jovens – ou, melhor, de determinados grupos sociais de jovens – para a vida adulta. Para dessas possíveis descontinuidades e ruturas dar conta torna-se, no entanto, necessário olhar a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada *fase* de vida, mas também como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens, isto é, torna-se necessário passar do campo semântico da juventude que a toma como *unidade* para o campo semântico que a toma como *diversidade*.

II. REDES GRUPAIS E IDENTIDADES JUVENIS

Como exemplo de redes grupais destacam-se os grupos de pares, que tendem a assegurar uma identificação própria, com características semelhantes onde partilham os mesmos gostos e interesses, que como diz Pais (1993, p.94) “os amigos de grupos constituem o espelho da sua própria identidade”.

Os amigos aparecem como proteção, pois a socialização a que são expostos unificam as suas relações. O tempo que passam juntos é justificado como o mais relevante nas suas vidas, visto ser neste que realizam os seus desejos e interesses, vivendo o quotidiano não como a sociedade o vê, mas como eles o constroem.

Como refere Pais, a **aparência** é uma expressão de identidade entre os grupos de jovens que permitem a diferenciação entre grupos, referindo-se a titular particular o **vestuário**, que aparece como instrumento de identificação grupal, através do seu poder simbólico. Através desta marca, os jovens afirmam-se socialmente e como salienta Weber (*in* Fischer, 1993) é um meio de diferenciação de *status*. Também o **vocabulário** reforça essa diferenciação de grupos.

Desta forma, entre os diferentes grupos são registados mapas de significados, interpretando a própria realidade de forma diferente, mas reforçando a identidade e solidariedade grupal que pode mesmo tornar-se um objeto de provocação e/ou agressão. A aprovação pelos elementos do grupo e o reconhecimento de um estatuto dentro do mesmo, e até mesmo a simples aceitação da sua presença enquanto elemento demonstram que de facto agem como reforços sociais.

Em forma de conclusão, Morizot e Le Blanc (2000, cit por Bom, 2005, p.195) “notam que a importância da associação com pares para a produção de delinquência durante a adolescência foi talvez exagerada, em particular porque as correlações são muitas vezes estabelecidas a partir de declarações de jovens sobre a sua própria delinquência e a dos seus amigos”.

Destacam-se, assim, são as próprias características individuais (fatores sociais, familiares, pessoais) que conduzem o jovem a escolher grupos com fatores de risco idênticos, veja-se o caso da delinquência que resulta da associação com pares delinquentes.

À procura de uma identidade

Identidade é o reconhecimento por parte do indivíduo de que é um ser único, distinto de todos os demais, com características exclusivas. A consolidação desta identidade é um processo longo e exige elaborados processos.

É na adolescência que o indivíduo procura consolidar esta identificação, sendo ela umas das tarefas cruciais desta fase da vida. É preciso determinar definições como *quem sou eu?*, *quais são as minhas responsabilidades perante as pessoas e a sociedade?*, *qual o meu papel sexual?*, entre tantas outras questões.

Não é de estranhar, portanto, que este processo seja caracterizado por progressos e retrocessos e pelo surgimento de identidades não duradouras que surgem conforme o momento e a situação vivida.



Nesta procura de identidade é frequente o jovem apresentar várias transformações, mostrando-se diferente em relação aos pais e principalmente face a pessoas do seu convívio. Isto pode levar a descrições totalmente diferentes sobre um mesmo jovens feitas por pais, professores, amigos e pais de amigos.

O vestuário do adolescente costuma ser diferente e isto também reflete a procura em diferenciar-se, embora procurando identificar-se com o seu grupo de iguais, não só no vestuário mas também na linguagem, utilizando muitas vezes vocabulário específico, concorrendo esta uniformidade para a sua segurança e reforço da autoestima.

O jovem procura modelos para tentar moldar as suas próprias características. Neste sentido, assumem grande importância o papel dos ídolos, que vão modificando-se conforme a evolução do processo de adolescência.

Conceitos centrais nesta perspetiva

- Não há “juventudes” mas sim “juventudes”, ou seja, um grupo social que pode ser categorizado a partir de diferentes variáveis (demográficas, económicas, culturais, etc.);
- Entende-se como “juvenil” as produções culturais e contra-culturais que estes grupos sociais desenvolvem ou inibem no seu quotidiano (também conhecidas como culturas juvenis);

– As identidades juvenis são marcos simbólicos pré-existent e já existentes que permitem que as e os jovens se reconheçam e se façam reconhecer como diferentes dos outros. Tem uma duração fixada no tempo e no espaço e varia em cada cultura e em cada época.



III. ANÁLISE DA FUNÇÃO DOS GRUPOS DE JOVENS: PAPÉIS E ESTATUTOS

O conceito de grupo

Um grupo é uma **unidade social mais ou menos estruturada, constituída por indivíduos, com objetivos e interesses comuns** cujos elementos **estabelecem** entre si **relações e interação**.

8

Um conjunto de pessoas constitui um grupo quando estas:

- Interação com frequência;
- Partilham normas e valores comuns;
- Participam de um sistema de papéis;
- Cooperam para atingir determinado objetivo;
- Reconhecem e são reconhecidos pelos outros como pertencentes do grupo.

Características de um *grupo social*

- **Pluralidade de indivíduos:** há sempre mais que um indivíduo no grupo, de origem e características diferentes (predomina o coletivismo);
- **Interação social:** os membros do grupo comunicam uns com os outros;

- **Organização:** para funcionar ordeiramente, qualquer grupo, precisa de uma ordem interna, traduzida no regulamento;
- **Objetividade e exterioridade:** quando uma pessoa entra no grupo ele já existe, quando sai ele continua;
- **Objetivo comum:** união do grupo para atingir os mesmos objetivos;
- **Consciência grupal ou sentimento de *nós* ou de *pertença*:** compartilham modos de agir, pensamentos, ideias, etc.;
- **Continuidade:** é necessário ter uma certa duração, não pode aparecer e desaparecer com facilidade.

Como qualquer *sistema organizado* da sociedade, os grupos tem **mecanismos** que os regem e os sustentam, mantendo-os ativos. Como **principais alicerces** de um grupo destacam-se a **liderança**, as **normas** e **sanções sociais**, os **valores sociais** e os **símbolos sociais**.

Tipos de liderança

Liderança institucional – a autoridade varia de acordo com a posição social ou o cargo que ocupa no grupo (ex.: Gerente de um estabelecimento comercial, Presidente da República, etc.);

Liderança pessoal – a autoridade varia de acordo com as qualidades pessoais do líder (inteligência, poder de comunicação, atitudes) (ex.: porta-voz de um grupo).

9

A linguagem do ser humano traduz-se num conjunto de símbolos. Estas simbologias, por sua vez, dão origem àquilo a que chamamos de *cultura*. Sendo assim, na sociedade em que estamos inseridos existem normas, designadas por *normas sociais* que vão de encontro aos *valores sociais* e, que se forem aprovadas ou rejeitadas são aplicadas *sanções*.

- **Normas sociais:** regras de conduta de uma sociedade, que orientam e controlam o(s) comportamento(s) dos indivíduos. São as normas sociais que validam aquilo que é *permitido* ou *proibido*.
- **Sanção social:** Pode assumir-se como uma punição ou recompensa, dependendo se é reconhecido pelos outros indivíduos como algo positivo ou negativo. Se a atitude for aprovada

é sob a forma de aplausos, honras, etc., caso seja reprovada será imposta uma punição que pode ter a forma de castigo, insulto, etc.

- **Valores sociais:** estes variam no espaço e no tempo, dependendo de cada época, geração e sociedade. Muitas vezes, o choque entre gerações deve-se, ao facto, de os valores mudarem de geração para geração (ex.: moda, penteados, ideais, comportamentos, etc.).



Sistema de estatutos (*status*) e papéis

A posição ocupada por um indivíduo no seu grupo social denomina-se de *status social*.

10

Estatuto social: a posição que o indivíduo ocupa na hierarquia social. Essa posição permite legitimamente esperar dos outros determinados comportamentos. Implica um conjunto de privilégios e direitos. Dependendo de como o estatuto é obtido, este pode assumir duas formas:

- Adquirido:** O indivíduo vai assumindo, ao longo do tempo, o controlo e liderança, pelo seu espírito de iniciativa. Este estatuto depende das suas qualidades pessoais.
- Atribuído:** quando são reconhecidas determinadas características no indivíduo, ou seja, este estatuto não é escolhido pelo indivíduo nem depende de si próprio.

Papel: é a conduta que é legítimo esperar de uma pessoa em determinada situação social em virtude da posição que ocupa. Implica um conjunto de responsabilidades e deveres de acordo com o *status* do indivíduo.

Assim, pode constatar-se que os conceitos de *estatuto* e *papel* não podem aplicar-se, na prática, um sem o outro, são coisas inseparáveis. Qualquer *status* corresponde a um papel

social e vice-versa. Esperamos sempre determinado comportamento de um indivíduo com aquele *papel*, caso contrário a sociedade invoca sempre meios para punir esses mesmos indivíduos que não cumprem o seu papel.

Dentro sociedade, os indivíduos podem tomar decisões e fazer escolhas tendo como referência as normas dadas pela estrutura social, concordando ou não com os valores grupais, com as convenções. Contudo, aqueles que fogem à regra podem sofrer pressões. Ao mesmo tempo, quando um comportamento se torna mais frequente, deixa de ser exceção para se tornar regra. Como exemplo, basta pensarmos nas mudanças do papel social exercido pela mulher na sua posição de esposa. Se outrora era apenas alguém que se dedicava às tarefas do lar, hoje pode assumir funções profissionais fora de casa, cargos de topo, etc., o que certamente afetou a organização da sociedade (principalmente a ocidental) nas últimas décadas.

Conformismo e obediência

Conformismo: mudança de atitude ou de comportamento em que, publicamente ou em privado, cedemos à pressão para pensar e agir como os outros. A coesão do grupo a que pertencemos ou a que queremos pertencer pode aumentar o índice de conformismo.

11

Ter uma pessoa que pensa como nós, contra a opinião da maioria, reduz significativamente a tendência conformista.

Fatores que levam ao conformismo

- i) Baixa autoestima ou falta de confiança;
- ii) Sensação de isolamento;
- iii) O impacto da presença dos outros (contacto visual).

Obediência: é uma mudança de comportamento em resposta a ordens e instruções de alguém reconhecido como autoridade. A obediência é a tradução comportamental da influência social na sua forma mais direta e poderosa.

Fatores que predispõem à obediência

- i) Identificação entre autoridade, competência e saber;
- ii) Sentimento de desresponsabilização;

- iii) Obedecer é uma forma de satisfazer o desejo de ser aceite;
- iv) Partilha ou difusão das responsabilidades pelas consequências de um ato.

O facto de os membros pertencerem a um grupo prepara, simultaneamente, a sua pertença ma comunidade mais abrangente, a sociedade. Nesse sentido, ser membro de uma comunidade implica, primeiramente, a um nível mais básico, tornar-se membro da comunidade de pares (Soares, 1990). A comunidade de pares revela-se, portanto, uma base essencial de aprendizagem do jovem para que se torne num membro do próprio sistema social. Para além de promover as competências sociais, o grupo de pares ainda contribui notavelmente para o desenvolvimento psicológico do adolescente. Esse desenvolvimento decorre necessariamente da interação do sujeito com o grupo de pares, uma vez que que ao interagir com os outros o jovem irá gradualmente definir-se enquanto pessoa.

Assinalados todos estes motivos é compreensível que seja vital para um jovem sentir-se parte de um grupo visto beneficiar positivamente da ação dos pares no seu desenvolvimento psicossocial. A par disso, a existência de pressões incentivam a agregação dos jovens em grupos na medida em que na sociedade está mais recetiva à inserção de um sujeito afiliado a um grupo do que uma pessoa que se encontra à parte.

12

O grupo, no início, e durante, a juventude, faz parte do processo de emancipação familiar, procura pela autonomia, além da identidade pessoal. Para os pais, isto é visto como uma ameaça à integridade física e psicológica dos seus filhos, já que não têm mais o controlo que antes possuíam sobre os procedimentos dos mesmos.

Para os adolescentes, o grupo representa o apoio que necessitam para a experiência social de ser, desempenho dos papéis sociais e, especialmente, o desafio para o crescimento psicológico e emancipação da influência familiar.

Trata-se de uma etapa elementar do desenvolvimento em direção à vida adulta e à autonomia afetiva. Concomitante a essas necessidades, os adolescentes precisam de *procurar* a definição de si próprios e sentir que pertencem a um determinado grupo. Estes são os principais motivos que fazem com que prefiram mais a companhia de amigos do que a de familiares. Tudo o que a família interdita, o grupo permite: já que não puderam escolher os pais, compensam tal imposição escolhendo o grupo ou amigo de sua predileção.

O grupo ainda oferece a oportunidade de alargar o seu círculo de influência, de simpatia, o inverso do que ele vivencia na família, já que esta, inconscientemente, opõe-se à sua entrada em meios que lhe sejam estranhos ou desconhecidos. Esse receio fundamenta-se, especialmente, nos dias atuais devido ao alto índice de acontecimentos trágicos e que estão diretamente relacionados com o tipo de grupo que o jovem se aliou. O que os pais desconhecem é que, em plena fase da procura pela autonomia, um grupo representa para os seus filhos uma **formas de afirmação** do *eu*, um refúgio para as suas problemáticas essenciais, medos, angústias, já que todos são semelhantes e, juntando-se, tornam-se fortes, criando uma sociedade à imagem peculiar e típica da adolescência, sendo regida pelos seus próprios estatutos.

Quando um jovem adere a um grupo, inicia o seu processo de organização coletivo, permitindo a ele(a) afirmar-se com toda a segurança, tendo em vista que os demais membros pensam e sentem como o ele(a). Com isso, sente-se mais livre para se exprimir livremente, sem receio de não ser compreendido, pois os valores são comuns a todos do grupo, prevalecendo a fidelidade e a lealdade, fatores estes que, sozinho(a) faz com que se sinta impotente frente ao mundo dos adultos. É dentro do grupo que encontra espaço para desenvolver o seu *ideal de eu* com segurança, o que facilita a sua autoafirmação.

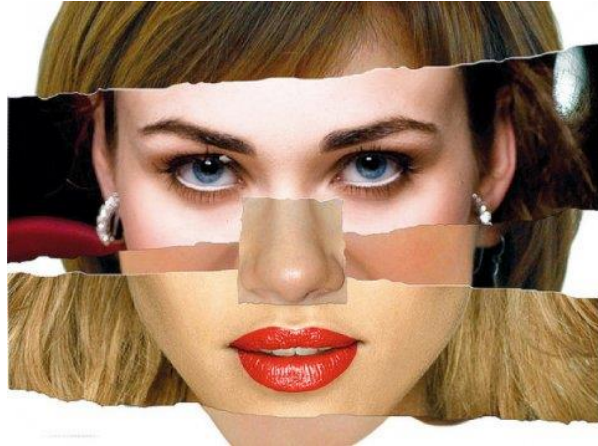
13

Por outro lado, há o risco da alienação, se for incondicional a sua submissão ao ideal coletivo, pois o indivíduo renuncia a parte de si mesmo e ao desenvolvimento da sua autonomia. Em situações de conflito, porém, irá sempre procurar noutras pessoas, não familiares, o seu ponto de apoio e tal desestabilização social pode conduzi-lo a processos de indisciplina e de violência.

O adolescente sabe que, no grupo, pode dar vazão à sua agressividade pessoal, além de facilitar que o(a) jovem coloca em prática no seu imaginário aventuroso, suas frustrações e rebeldias. Daí a importância dos pais quanto à *vigilância* ou supervisão dos pares com os quais os seus filhos convivem, identificando certos comportamentos prejudiciais ao desenvolvimento tanto da personalidade como do processo de socialização. Devem estar sempre reavaliando as suas próprias relações familiares, especialmente, as problemáticas, que são indutoras de desvios comportamentais graves. A responsabilidade pelos atos antissociais cometidos pelo(a) adolescente, não depende apenas do grupo no qual se integrou (grande queixa de pais com filhos tidos como problemáticos), mas de um conjunto de fatores que condicionam a formação pessoal do adolescente, passando pelos diferentes tipos de relações desenvolvidas pelas famílias e como ela faz a intermediação da passagem dos adolescentes para o convívio social.

A aparência física

A atração física é, reconhecidamente, um fator de importância primordial para que um adolescente possa ser alvo de aceitação por parte do grupo, ou, na pior das hipóteses, reverter em seu desfavor e provocar a sua rejeição no seio do grupo.



As capacidades cognitivas, mais precisamente no que diz respeito à compreensão interpessoal, ou o facto de se ser amigoso(a), sociável e competente dão origem a que haja uma maior aceitação, algo que por sua vez gera um retorno, pois considera-se que as interações frequentes e bem-sucedidas com os colegas permitem um melhor desenvolvimento das competências sociocognitivas.

Todavia, nem sempre o ser-se aceite implica que se seja um elemento popular, isto é, ser alguém que é ativamente procurado pelos outros. Ser-se popular é uma característica muito valorizada pelos adolescentes, facto que muito tem suscitado a curiosidade dos investigadores. A noção de popularidade nos grupos de pares influencia os(as) adolescentes a tomar atitudes que visam conseguir um certo estatuto no sistema social da escola através do seu desempenho académico (Sprinthall e Collins, 2003).

Pertencer-se a um grupo implica a observância de certas normas ou regras, condições necessárias para a obtenção de um estatuto e a sua, conseqüente, manutenção. Como já foi dito, quer seja a nível do rosto ou do corpo, tudo indica que a atração física é um importante determinante do estatuto social do(a) adolescente. Sendo que para os rapazes a sua preocupação máxima está essencialmente subjacente ao seu desempenho atlético apesar de que, atualmente, cada vez jovens do género masculino tem uma preocupação crescente com a sua *imagem*. Ainda assim, o fator que representa maior relevância para o estatuto parece ser a eficiência com os membros do grupo são capazes de tomar iniciativas quanto à realização de atividades conjuntas (Sprinthall e Collins, 2003, p.363).

No que diz respeito à estrutura dos grupos formados pelos(as) adolescentes, há dizer que é comum apresentarem uma hierarquia em termos de dominância (Savin-Williams, 1976 cit por

Sprinthall e Collins, 2003), que tem por base a habilidade para liderar, embora esta particularidade não seja sinónimo de popularidade, nem implica a superioridade em termos de inteligência, ou até, que sejam mais atrativos(as) fisicamente.

IV. PROBLEMÁTICAS DA JUVENTUDE

A **crise na adolescência** implica em diversos fatores que contribuem para um sentimento de exclusão, de inferioridade e prejudica a autoestima do(a) adolescente, comprometendo os seus relacionamentos, quer a nível amoroso, família, pares e outras relações.

O sentimento de insegurança no(a) adolescente culmina, principalmente, no ciúme e na forma de amar possessivamente, bem como, de querer atingir os seus objetivos a curto prazo e com o máximo de intensidade. Bruxel (2004) tem uma visão abrangente do **sentimento de inferioridade** especificamente em adolescentes e, em especial, adolescentes em situação(ões) de vulnerabilidade social, pois afirma que diferentes contextos e espaços culturais fazem a diferença na história de vida dessas pessoas. Destaca **três aspetos** impactantes na adolescência: **a)** a baixa autoestima; **b)** a frágil internalização dos limites; **c)** e, a falta de perspetivas face ao futuro. O autor também defende que a baixa autoestima produzida pela exclusão social desmobiliza o potencial dinâmico próprio da adolescência, além de a sociedade imprimir nela um sentimento de culpabilidade. Os adolescentes possuem um profundo sentimento de inferioridade e, para eles(as), as suas vidas tem pouca significação para o mundo. Isto desmobiliza-os(as) e não os(as) motiva a estudar e procurar as resoluções dos problemas do quotidiano. Neste contexto existencial, muitas vezes procuram a sua **afirmação** – muitas vezes, **de cariz negativo** - através da **violência, uso de drogas, pelo medo que provocam** enquanto estratégias para salientarem a sua importância e poder que podem exercer, apesar da *tenra idade*. Ao autor continua a afirmar que o sentimento de inferioridade nesta fase de *afirmação da identidade* do(a) adolescente rumo à autonomia da vida adulta, bem como a capacidade de tomar decisões com maturidade, tornam-se experiências cada vez mais complicadas, especialmente, para os(as) jovens marginalizados(as). A nossa cultura dominante apresenta variadas possibilidades de vida e afirma o sujeito pelas opções que faz por atributos e adjetivos que conferem maior ou menos importância à pessoa.

O **domínio da informação, das tecnologias, o prestígio social e a capacidade de consumirem** produzem um **sentimento real de relevância** no mundo. Por outro lado, **os que pouco**

ou nada possuem, os que estão em desfasagem escolar, aqueles que não podem consumir e são, constantemente, excitados e atraídos pelos *media* **sentem-se frustrados e cultivam um sentimento de baixa autoestima** nesta fase decisiva das suas vidas.

A problemática da **frágil internalização** do referenciam de autoridade e dos limites deve-se ao pouco convívio com os pais, à limitada e dificultada imposição dos limites por parte dos pais e, ainda, a constante interação com dispositivos eletrónicos que gera pouca expressão quanto à autoridade e às figuras que a exercem.

Quanto à **falta de perspetiva face ao futuro** do(a) adolescente em relação à sua inserção no mundo de trabalho é outro aspeto alarmante que requer atenção. Com o rápido avanço tecnológico e científico as novas tecnologias vieram ocupar a mão-de-obra e absorver apenas a mão-de-obra altamente qualificada. Este processo ampliou a exclusão e ao mesmo tempo acirrou a concorrência pelos poucos novos campos de trabalho (Bruxel, 2004).

Caro (1996) afirma que a adolescência é o período em que se adquirem virtudes e competências sociais, em vista das responsabilidades e retribuições do mundo adulto, além de tratar-se do período da existência imediatamente anterior à entrada no mercado de trabalho, da participação política para a construção da sociedade, do exercício da autonomia, liberdade e responsabilidade, durante o qual o(a) adolescente encara o futuro, antecipa o mundo adulto e tem possibilidade real de escolher o seu lugar para realizar-se como pessoa.

A desigualdade social traz consequências drásticas para os mais jovens, pois são os que estão mais perto da escolarização, da qualificação profissional, do mercado de trabalho que não se desenvolve suficientemente.

Comportamentos delinquentes

A **delinquência juvenil** é um **comportamento antissocial**, um conjunto de problemáticas que inclui o que rodeia os jovens: **delitos** (previstos na lei); **variedade de comportamentos ilegais e infratores** por razão de idade ou inimputabilidade.

O ato delincente tem um objetivo que é conseguido: provocar mal-estar, preocupação, acabando com a indiferença. Um sentimento de perda (abandono, por exemplo) que gera um sentimento de que a sociedade lhes deve algo que eles não conseguem ter, uma esperança de vir

a encontrar o que *perderam*. Por outro lado, estes atos procuram contenção, o jovem quer ser parado e contido, isto é, tratam-se de atos, muitas vezes, que pretendem chamar à atenção para que o(a) ajudem e acolham.

Na maioria dos casos, **são jovens**:

- Díficeis de compreender;
- Parecem não pedir ajuda;
- Parecem desconhecer a esperança e podem chegar ao ponto de não apresentarem qualquer ansiedade ou depressão, parecendo indiferentes ao sofrimento;
- *Usam uma máscara* que impede o sofrimento, todavia, essa mesma *máscara* não permite que esse sofrimento desapareça e uma consequente cura ou tratamento.

Tipos de delinquência

- a) **Pré-delinquência** – a criança nunca cometeu nenhum ato criminoso, mas encontra-se em de o fazer, relacionado com fatores externos e/ou questões psicológicas;
- b) **Delinquência** - a criança é agente ativa de comportamentos classificados pela lei de ilícitos;
- c) **Para-delinquência** – estado psíquico em que a criança é um projeto de delinquente, basta um *clique*.

17

Factos acerca da delinquência juvenil

- i) **Idade** – diminui com o aumento da idade, o pico é entre os 12 e 15 anos;
- ii) **Sexo** – maioritariamente jovens do género masculino;
- iii) **Origem social** – quantitativamente, provém de classes sociais baixas; qualitativamente, não faz parte de uma classe mas da idade;
- iv) **Contrastes geográficos** – em geral, no espaço urbano. A cidade é um espaço vulnerável pelas desigualdades sociais que nela se detetam;
- v) **Grau** – relaciona-se com os diferentes tipos de comportamento delinquente.

Fatores potenciadores de delinquência juvenil

- i) **Fatores demográficos e urbanização** – nas grandes cidades tem mais visibilidade
- ii) **Influências do meio onde vivem** – ligação às exclusões sociais a nível de local de residência
- iii) **Estrutura e organização familiar** – as regras estabelecidas *em casa*, as condutas familiares e os exemplos que advém dos familiares também tem bastante influência no surgimento, ou não, de comportamentos erróneos.

- iv) **Comportamentos de risco** – práticas de sociabilidade ligadas a determinadas dependências
- v) **Ideais consumistas** – valoriza-se o consumo, a afirmação social e a conquista do sucesso passa pelo consumo
- vi) **Disfunções psíquicas e psicossomáticas** – ao nível da imprevisibilidade, hiperatividade ou depressão
- vii) **Desemprego**
- viii) **Crença individual** – ideia de que o crime compensa e que não existem sanções devido à menoridade
- ix) **Grupo de pares** – onde se conhecem e se forma a identidade pessoal, criando contextos propícios ou para o comportamento conformista ou não conformista.

“Tal como nos carros que correm para o desastre, a marcha destas vidas (pré-delinquentes) é sempre previsível. Ninguém chega a delinquente por obra do acaso.

A caminhada é, várias vezes, reversível, e não raramente passa pelas nossas mãos. Mas quem vê, quem escuta, quem para, ou quem muda de rumos para acudir, para cuidar, para mudar?” (Strecht, 2003, p.40).

18

É natural que com o processo de crescimento, quando da assunção do estatuto de *maior*, mesmo enquanto ainda adolescente, o jovem, por definição irreverente, desafiador, desejoso de se assumir enquanto pessoa, enquanto ser humano, ultrapasse as regras sociais e enverede pela violência quando foi alvo de um percurso onde a falta de exemplos positivos, de regras sociais, de limites, de afetos não poderiam permitir outro caminho que não o dos comportamentos antissociais.

Na necessidade de se afirmar, quando o jovem não encontra forma de o fazer positivamente, terá necessariamente de reagir de forma negativa. Estes jovens como tem sempre em mente a satisfação imediata não se costumam preocupar com os efeitos das suas atitudes.

Expressões da delinquência juvenil

O abuso de drogas:



O uso de drogas é uma forma de o(a) jovem exprimir e/ou atenuar o seu mal-estar. Uma das características da adolescência é a procura de saber quem sou, quais as minhas capacidades e os meus limites, tanto a nível fisiológico como psicológico.

As experiências familiares passadas de geração em geração foram abandonadas e, como consequência, os jovens passaram a não receber informações primordiais para formação da identidade individual (Alves, 1993). Muitos pais fazem advertência aos(às) filhos(as) quanto ao uso de drogas de uma forma dramática e até mesmo aterrorizante, provocando assim curiosidade e fascínio pela droga (Costa e Gonçalves, 1988).

Não existe apenas uma causa que pode levar o jovem a exprimir ou deixar as drogas ou mesmo transformar-se num(a) utilizador(a) constante das mesmas. O que existe é um conjunto de variáveis que atuam diretamente no indivíduo. Essas variáveis são três: o indivíduo fragilizado, a família desestruturada e o acesso às drogas (Alves, 1993).

Dentro do grupo, a droga pode funcionar como uma forma de se afirmarem como *iguais*. E, como se encontra à procura da sua identidade, a uniformidade do grupo proporciona-lhe segurança e estima pessoal. Na adolescência o indivíduo encontra-se desorientado, que resulta da necessidade de ter de deixar a fase infantil e assumir obrigações e responsabilidades para as quais não está preparado(a) e, neste sentido, o grupo serve como um reforçador para a sua identidade (Oliveira, 1988).

Criminalidade:

O crime cresce, vertiginosamente, entre os jovens sobretudo na sociedade ocidental contemporânea, independentemente, do nível de instrução escolar, classe social ou



etnia. No conjunto dos fatores mais frequentes desse comportamento desviante e inaceitável, estão as:

- i) de ordem individual ou psicológicas: estrutura patológica de personalidade, perversões e paixões avassaladoras;
- ii) de ordem familiar: educação doméstica e formal deficitárias e desordem dinâmica e estrutural da família.
- iii) Causas sociais: fome, miséria, lutas pela sobrevivência e pelo poder e impunidade.

Esta última é uma das forças que mais alavanca a violência uma vez que se passa a compreender que *tudo é permitido*. A partir dessas perspetiva, o caos acontece pela ausência de leis eficazes no seu cumprimento, levando ao desregramento social.

Prostituição:



A prostituição na adolescência é um problema ao qual ninguém fica indiferente. Algumas vezes, no contexto escolar é expresso o receio, sobretudo, de professores e auxiliares de ação educativa de que este(a) ou aquele(a) jovem enveredam por esta atividade, uma vez que, facilmente se envolvem fisicamente com um número

significativo de colegas.

Na maior parte dos casos, estes(as) jovens são arrastados(as) para a prostituição por um adulto, o proxeneta, que conhece bem as suas necessidades psicológicas. Geralmente, são provenientes de famílias marcadas pela brutalidade e instabilidade, apresentam relações débeis e um padrão de desmembramento muito elevado. A integração destes(as) jovens em contextos familiares muito fragilizados contribui fortemente para que as suas necessidades ao nível do carinho e afeto não sejam devidamente satisfeitas sentindo, assim, uma necessidade muito forte de dependerem de alguém. Claramente são jovens com autoestima baixa, falta de autoconfiança e, frequentemente, estão num processo de fuga de casa.

Bibliografia

- Bock, Ana Mercês Bahia (2007). *A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores*. Universidade Católica de São Paulo.
- Nildo, Viana (2009). *Juventude e Identidade*. Vol.32, n.1/2, pp.145-154
- Pais, José Machado (1990). *Análise social*. Vol.XXV, pp.139-165
- Sprinthall, A. & Collins, W. (1994). *Psicologia do adolescente. Uma abordagem desenvolvimentista*. Fundação Calouste Gulbenkian: Manuais Universitários.
- Sousa, P. (2006). *Desenvolvimento moral na adolescência*. Portal dos psicólogos. Acedido em 23 de abril de 2011 no site <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0296.pdf>